

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Compensa aí

Depois do desaparecimento de Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo, há dentro do grupo bolsonarista moderado quem defenda, pelo menos, o anúncio de uma força-tarefa que permita ao governo mostrar que existe algum controle sobre a região. Afinal, lá fora, a ideia é de que a Amazônia neste governo virou terra sem lei e comandada pelo narcotráfico. A ordem agora é tentar desfazer essa imagem.

Quem muito fala...

...Dá bom dia a cavalo. Até os bolsonaristas consideram que o presidente Jair Bolsonaro entrou com o “pé esquerdo” nos comentários sobre o desaparecimento de Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo, ao dizer que o jornalista era “malvisto na região”. Até aqui, pelo que se sabe, Dom era considerado persona non grata por quem descumpra a legislação.

Contramão

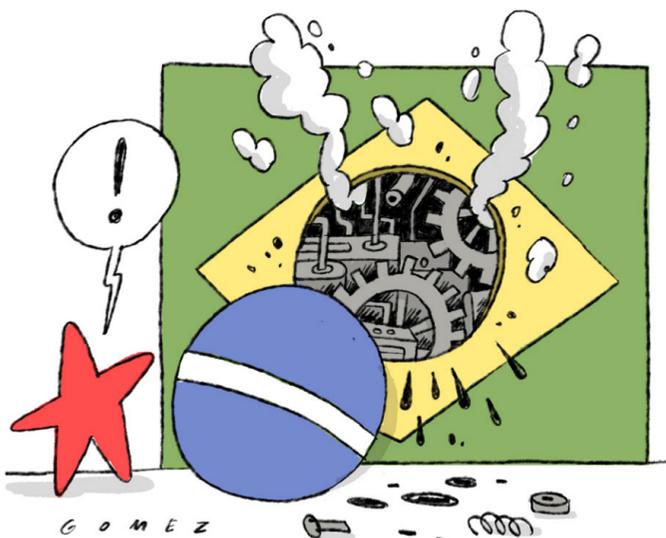
Enquanto os técnicos tributaristas pedem uma reforma tributária ampla, os congressistas fazem mais um “puxadinho”. Na próxima terça-feira, a Câmara votará uma proposta de emenda constitucional para manter a diferença de alíquota entre o etanol e a gasolina. O objetivo é garantir a competitividade do álcool combustível perante os fósseis.



Há um amadurecimento da reforma tributária do ponto de vista técnico. Esperamos que isso ajude a remover os obstáculos políticos”

Mauro Silva, presidente da União Nacional dos auditores fiscais (Unafisco), sobre as chances de votar a emenda constitucional 110, em tramitação no Senado, no próximo ano

PT vai propor reforma tributária ampla



Em palestra no 6º Congresso Luso-Brasileiro de Auditores Fiscais, em Salvador, o economista Guilherme Mello, coordenador do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas do PT, defendeu que, concomitantemente à PEC 110 da reforma tributária, o Congresso discuta a reforma na tributação direta, por uma revisão do imposto de renda, em especial, sobre lucros e dividendos.

“Cada vez mais estou convencido de que, se a gente quiser fazer uma verdadeira mudança na estrutura tributária, voltada para o novo modelo de desenvolvimento, a gente precisa discutir, junto com a tributação indireta, a tributação direta”, disse. “E por um motivo muito simples: os maiores problemas da estrutura tributária brasileira estão na sua composição. Se não mudar a tributação direta, não consegue reduzir a indireta. A não ser

que decida abandonar de vez a Constituição de 1988, o estado de bem-estar social; acaba com o SUS, com a previdência pública. Como esse parece não ser o objetivo da sociedade brasileira, a gente vai ter que entrar na discussão sobre como avançar na tributação sobre lucro e propriedade e reduzir a tributação indireta”, argumentou Mello.

Em tempo: o economista do PT fez questão de frisar que colocava ali suas opiniões pessoais. Mas, dentro do partido, não há dúvidas de que a PEC 110, centrada na tributação sobre o consumo, é insuficiente para resolver os problemas do Brasil. Por isso, vem por aí, no projeto petista, uma mexida geral no sistema de impostos do país para tornar a distribuição mais justa. Falta combinar com o setor financeiro e o mercado, que ainda não se convenceram dessa necessidade.

CURTIDAS



Contagem regressiva/ Em duas semanas, o ex-governador de São Paulo Marcio França (foto), do PSB, definirá seu futuro político. Aliados preveem que ele não terá condições de manter a candidatura ao Palácio dos Bandeirantes sozinho.

Não cante vitória/ Mesmo que não seja candidato ao governo, França não está convencido de que deve apoiar o ex-prefeito paulistano Fernando Haddad, do PT. O líder do PSB tem conversado com correligionários de Rodrigo Garcia, do PSDB.

Por falar em vitória.../ A votação expressiva em favor do projeto que limita o ICMS dos combustíveis mostrou que, num ano eleitoral, os congressistas vão aprovar tudo o que apresentar um discurso favorável ao contribuinte. Por isso, na área econômica, já tem muita gente defendendo logo o recesso.

Corpus Christi/ Bom feriado a todos.

ELEIÇÕES / Com o vice na chapa ainda indefinido, Bolsonaro rasga elogios à ex-ministra Tereza Cristina, diz considerá-la “cotadíssima”, mas não descarta escolher Braga Netto como companheiro na busca pela recondução ao Planalto

Potencial para ofuscar militar

» VINICIUS DORIA

O balão de ensaio lançado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) sobre a possibilidade de ter a deputada federal e ex-ministra da Agricultura Tereza Cristina (PP-MS) como companheira de chapa na campanha pela reeleição é reflexo de uma estratégia à qual os principais assessores palacianos já estão acostumados. O chefe do Executivo tem por hábito soltar teses antes de tomar decisões que afetem seu futuro político, sem abrir mão das próprias convicções.

Ao assumir publicamente a possibilidade de não bancar para a vaga o nome do general Braga Netto, atual assessor direto do presidente no Palácio do Planalto, Bolsonaro testa o conselho que tem recebido da ala política que o cerca: o de que Tereza Cristina poderia “arejar” a chapa, aproximando-o não só do eleitorado feminino quanto do eleitor não bolsonarista, mas conservador.

Ontem, Bolsonaro voltou a tocar no assunto, dando mostras de que pretende alimentar esse debate por mais algum tempo. Em entrevista à jornalista Leda Nagle, ele fez questão de frisar que o nome do general ainda é uma hipótese. “Eu nem falei que o Braga Netto é meu vice, como é que vou trocar? Vou trocar de esposa se nem me casei ainda? Braga Netto teve uma passagem marcante pelo Rio de Janeiro, na intervenção. Fez um trabalho excepcional comigo, aqui, um ministério difícil (da Defesa). É cotadíssimo (para vice)”, disse.

Sobre Tereza Cristina, declarou ser um “excelente nome”, com “poder de articulação”.

“Cotadíssima, excelente pessoa também. Querem fazer uma briga aí, homem e mulher. Vão querer falar que eu prefiro não uma mulher, mas um homem, ou então tumultuar”, comentou.

Os dois deixaram seus respectivos cargos de ministro para disputar as eleições de outubro. Tereza Cristina está em pré-campanha por uma vaga ao Senado por Mato Grosso do Sul. Braga Netto aguarda a confirmação de seu nome como vice. “Tereza Cristina é um nome excepcional para o Senado, como é excepcional para ser vice também, pelo seu poder de articulação. Mas, não está batido o martelo sobre o nome dela nem sobre Braga Netto”, reforçou o presidente.

O **Correio** conversou com fontes palacianas ligadas tanto à ala política quanto à militar e, em ambos os casos, nenhuma delas viu na notícia qualquer indício de “confronto” ou de “disputa” pela preferência do presidente. “Não existe disputa nenhuma, o que há são visões diferentes”, disse um interlocutor, para quem “militar não faz política”. O que o chefe do Executivo exige, segundo essa fonte, é confiança no seu futuro parceiro — ou parceira — de chapa. “Braga Netto tem 100% da confiança do presidente. Tereza Cristina, nem tanto”, ressaltou.

O nome da ex-ministra não foi lançado de forma aleatória. O fato de Bolsonaro estar praticamente estacionado há meses nas pesquisas de intenção de votos exige, para a ala política do Planalto, um movimento mais vigoroso em direção ao eleitorado não bolsonarista, em especial, as mulheres, respondidas pelos maiores índices de rejeição ao presidente. “Nós temos

Guilherme Martimon/Mapa



A ex-ministra Tereza Cristina é vista como capaz de “arejar” chapa do presidente e atrair voto feminino

Liderança

Na última pesquisa para o Senado em Mato Grosso do Sul — da RealTime Big Data, divulgada na terça-feira —, Tereza Cristina lidera a disputa com 28% das intenções de voto, seguida pelo ex-juiz federal Odilon de Oliveira (PSD), com 15%; e pelo ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (União Brasil), com 12%.

um problema sério com o voto feminino, e uma mulher arejaria a chapa”, analisou esse interlocutor. Para ele, Tereza Cristina pode ser “a novidade” que falta para movimentar a pré-campanha. Pesam, também, a favor da deputada o traquejo político e a boa interlocução com o agronegócio, principal base de apoio do presidente no setor econômico.

O fato de a deputada ser do PP, legenda presidida pelo atual ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira, pesa pouco na decisão do chefe do Executivo. Tereza é egressa do DEM, que fundiu-se com o PSL para dar origem ao União Brasil. Por divergências internas, a ex-ministra decidiu trocar de agremiação. As relações entre ela e Ciro Nogueira

são institucionais. “Ciro mal conhece Tereza”, confidenciou ao **Correio** um assessor da Casa Civil. Ele reconhece que a parlamentar fez “um ótimo trabalho” no Ministério da Agricultura e demonstrou lealdade a Bolsonaro. A fonte acredita que a deputada aceitará o convite, caso seja essa a decisão do presidente.

O gabinete de Tereza Cristina informou, por meio de nota, que ela está “concentrada no exercício do mandato parlamentar e, nos fins de semana, na pré-campanha ao Senado, viajando pelo estado e participando de encontros, eventos e reuniões”. A assessora, tem dito que não recebeu nenhum convite do presidente. **(Colaborou Cristiane Noberto)**

Lula: limite de debates

O comando da campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pediu que jornais e emissoras de rádio e tevê se organizem em pool para a realização de, no máximo, três debates entre candidatos à Presidência no período eleitoral. O formato é semelhante ao que ocorre nos Estados Unidos.

Em ofício enviado à Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e à Associação Nacional de Jornais (ANJ), ontem, partidos que compõem a coligação petista disseram ser inviável ao candidato comparecer a todos os debates previstos por veículos de comunicação no período de 45 dias que antecede o primeiro turno.

“No caso do Brasil, acreditamos que a organização de até três debates nacionais permitiria a contribuição das emissoras para o processo eleitoral, preservando a mobilidade dos candidatos para o diálogo democrático e direto com a população e seus aliados regionais”, escreveram, em nota.

Drone

Três pessoas foram detidas pela polícia ontem, em Uberlândia (MG), suspeitas de operar um drone que despejou líquido malcheiroso sobre apoiadores petistas que aguardavam Lula na Universidade do Triângulo Mineiro, em evento com o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil.